

## A BÍBLIA NA AMÉRICA LATINA APÓS O VATICANO II

*Profa. Tânia Maria Couto Maia\**

### Introdução

A finalidade da Constituição Dogmática *DEI VERBUM* é expor a verdadeira doutrina sobre a Revelação e sobre sua Transmissão. Na gênese da *DEI VERBUM* está a preocupação do Magistério da Igreja com a compreensão da Bíblia (Exegese e Hermenêutica)<sup>1</sup>, pois cada época deverá, de um modo novo e próprio, procurar compreender os Livros Sagrados. O movimento Bíblico que antecedeu ao Concílio já havia levado o Magistério da Igreja a tomar posição, através de importantes documentos como as Encíclicas: *Providentissimus Deus*, do Papa Leão XIII (1893) e *Divino Afflante Spiritu*, do Papa Pio XII (1943), sobre a correta forma de buscar tudo o que ajuda no conhecimento da verdade. Cada uma, a seu modo, procurou, dentro do seu tempo compreender o texto bíblico<sup>2</sup>. A Encíclica do Papa Pio XII de 30/9/1943 desencadeou na Europa uma renovação da Exegese e um interesse muito vasto pela Bíblia por parte do povo. O estudo renovado da Bíblia alimentou a teologia, estimulou a renovação litúrgica, e foi o que mais contribuiu para a renovação interna da

---

<sup>1</sup> Exegese – ação de tirar; que se ocupa do texto em-si; ação de explicar; de interpretar; A hermenêutica esclarece, investiga e fundamenta os princípios em que se baseia aquela interpretação. Por isso é chamada “ciência dos princípios de interpretação”. Trabalho de tradução em busca de sentido.

<sup>2</sup> O Papa Pio XII com o auxílio de grandes exegetas católicos pôde encorajar de modo positivo o uso de métodos modernos para tornar fecunda a compreensão da Bíblia. Com o Método histórico-crítico que inaugurou uma nova época na história da Interpretação bíblica surgiram novas possibilidades de compreender o texto bíblico em sua originalidade.

Igreja. Toda esta renovação do estudo e da leitura da Bíblia deu fruto no Concílio Vaticano II e se expressou e se sintetizou na Constituição Dogmática *DEI VERBUM*: resultado de uma longa luta.

A uma distância de quarenta anos do Concílio nota-se um certo cansaço na exegese européia e, a razão desse esfriamento, segundo constata Frei Carlos Mesters, está na dinâmica do movimento Bíblico que não prioriza a circularidade hermenêutica:

Enveredou-se por uma especialização cada vez maior, mas que não parece responder às exigências do povo que vive a sua fé em meio às crises de uma sociedade em mudança. Distanciou-se da vida do povo. A coragem com a qual a exegese científica criticava o uso demasiadamente dogmático da Bíblia dentro da Igreja já não existe mais. Mas existe uma grande novidade na América latina<sup>3</sup>.

A exegese brasileira não entrou por caminhos novos, os exegetas que iniciaram o movimento bíblico aqui no Brasil foram formados na Europa orientando-se, pois, pelos critérios do método adotado pela exegese européia que, em geral, eram literários e históricos. Mas o terreno no qual caíram as sementes da renovação foi propício e fecundo, enriquecendo-a e diversificando-a.

A principal novidade do Concílio Vaticano II é, sobretudo, a própria consideração da história na sua relação com o Evangelho e a Verdade cristã. O Vaticano II em sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium* devolve a Igreja ao mundo ao reconhecer que sua identidade é posta à prova no seu relacionamento com a história. Para João XXIII a interpretação do Evangelho era inseparável da referência à História. Era preciso, para alcançar uma mais profunda penetração doutrinal, reformular a substância do Evangelho conforme as exigências da época. O Vaticano II representa uma novidade em relação ao passado, não, contudo, no sentido de ignorar a *Tradição*. Na própria *Tradição* está presente o dinamismo da comunicação. Os valores que são oportunos numa determinada situação mudam em outros contextos. Essa reformulação é uma

---

<sup>3</sup> C. MESTERS: *Leitura popular da Bíblia, Ribla*, n.1, 1988.

exigência da continuidade e não uma ruptura - Uma volta às fontes, - à **Tradição** - e ao mesmo tempo um **Aggiornamento** (uma abertura à cultura de secularidade). Alguns elementos do “Espírito” do Concílio nascem, nas interpenetrações existentes entre “**Tradição**” e “**Aggiornamento**”, isto é, no Diálogo perene entre a Igreja e a História.

### 1. A Revelação é histórica:

A Revelação mais do que uma notícia do passado, transmitida ao futuro, é um acontecimento que se deu na história, consumado na morte e ressurreição de Jesus e proclamado pela Palavra, tanto oral como escrita dos profetas e dos apóstolos, e que está aberto na carne do Ressuscitado como perene chamamento de salvação dirigido aos homens de todos os tempos. Esta idéia de Revelação como acontecimento *histórico-salvífico* que vibra de modo fluente e ininterrupto nas entranhas do mundo, protagonizado por Deus e consumado por Cristo é a que preside ao capítulo I da *Dei Verbum*. (DV 1,1).

Em *Dei Verbum*, expõe-se a Revelação como acontecimento em que Deus se manifesta buscando amigavelmente amor e comunhão com o **homem**. É um esquema teológico inspirado no Prólogo do IV Evangelho, onde o Verbo se manifesta ao homem com ritmo ondulatório (em etapas) através da criação, dos profetas e de sua própria carne (DV 1,3). A **Vida**, que estava em Deus, junto do Pai, apareceu para nós (1Jo 1,2-3). A Escritura é um testemunho profético da Revelação que, enquanto acontecimento, continua tão aberto e tão vivo hoje como ontem. Jesus é a revelação, e não apenas isso, mas ele é a revelação total. A fé bíblica está caracterizada por uma historicidade radical.

O Deus da Bíblia é o Deus da história do qual nos falam as “Fontes” como memória querigmática que ilumina a atuação do Deus presente. A mensagem bíblica surge do acontecimento salvífico, que é ponto de partida da Teologia a qual, por sua vez, tem de ser reelaborada como discurso de fé sobre as sempre manifestações de Deus na história: “Estas coisas lhes aconteceram

para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (cf. 1Cor 10,11).

## **2. A Igreja é memória e profecia: Tradição veículo de revelação**

A Igreja - organismo vivo – teve que reagir, desde os primórdios às solicitações internas e externas que a obrigava a redefinir-se no contexto humano do próprio tempo. Testemunham os escritos de Paulo, os Sinóticos, João, Hebreus. - E isto por duplo motivo: Porque não cessam de aparecer perguntas novas porque as perguntas anteriores eram insatisfatórias. Muda o contexto – muda a situação. Severino Croatto diz:

Somente haverá uma leitura hermenêutica da mensagem Bíblica, quando ela sobrepujar o primeiro sentido contextual (não só do autor, como também dos seus primeiros leitores) mediante a desimplificação de um excesso de sentido manifestado a partir de uma pergunta nova dirigida ao texto<sup>4</sup>.

O Documento de Medellín situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive num momento decisivo de seu processo histórico.

### **2.1. Em Medellín a raiz do processo hermenêutico**

Na análise feita pela Igreja Latino-Americana iluminada pela *Gaudium et Spes* (n.n. 43. 69) ela reconhece que não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantém a maioria dos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria desumana. Foi este o conteúdo querigmático que provocou uma busca de sentido para a idéia bíblica de *libertação*. “*Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte*” (Doc.de Medellín 14.2). O Papa aos camponeses colombianos: “*Agora nos estais escutando em silêncio, mas ouvimos o grito que sobe de vosso sofrimento*”.

As atitudes dos homens são interpeladas pela Bíblia. Portanto, tantas vezes quantas lermos uma narrativa de libertação do povo de

---

<sup>4</sup> S. CROATTO: *Hermenêutica Bíblica*, Paulinas, 1986, 26-27

Israel, somos advertidos sobre um chamado existente em *nós mesmos* e somos provocados a uma *busca do sentido* do que Deus fez e, por isso, disse como Palavra. Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando ele o libertou do Egito.

Libertação é uma palavra que fala e diz muito, cheia de esperança pelo que traz desde o seu nascimento na HISTÓRIA DO ÊXODO e que foi “recarregada” a partir dos genuínos feitos de libertação na América Latina, que sofre o cativeiro da dependência econômica (alienação, exílio, lei, morte e muitos outros). O vocábulo – dependência – correlato antitético de libertação é central no texto deste documento.

## **2.2. Puebla: a Bíblia a serviço da ação pastoral libertadora**

A opção preferencial pelos pobres caracteriza as orientações pastorais da Igreja na AL, de modo prioritário de Medellín a Puebla. A opção pelos pobres faz parte do núcleo central da fé cristã, ela não é mais uma simples opção da espiritualidade ou da pastoral, mas a condição para permanecer fiéis ao anúncio fundante e à Tradição viva da Igreja. Por isso, a descoberta e o encontro com o Deus de Jesus Cristo não podem ter lugar fora dessa história humana na qual os pobres são os preferidos<sup>5</sup>. Um apoio para essa linha pastoral das Igrejas, que tem a aprovação autorizada pelo Papa (Puebla -1979) vem das experiências das Comunidades Eclesiais de Base e da reflexão teológica ligada a essa experiência conhecida como “Teologia da Libertação”<sup>6</sup>. Na raiz do processo

---

<sup>5</sup> O ponto de partida pode ser o anúncio jubiloso que qualifica a missão histórica de Jesus: “Bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino de Deus”. Dessa proclamação evangélica pode-se ir até suas raízes bíblicas, das do Êxodo e da aliança até às tomadas de posição dos profetas e dos sábios de Israel. Tendo como pano de fundo a ação e as palavras de Jesus, é possível dar um significado coerente à experiência da Igreja primitiva, que releu e atualizou a mensagem de seu mestre sobre a opção pelos pobres. Também a reflexão teológica de Paulo vai nesse horizonte iluminado pela revelação de Deus em Jesus Cristo Senhor.

<sup>6</sup> Apesar de algumas reservas, por causa dos possíveis desdobramentos políticos, essa linha pastoral e a teologia ligada a ela são confirmadas pela encíclica do papa João Paulo II: *Sollicitudo Rei Socialis* (1987, cf 41).

hermenêutico está o novo sujeito histórico: o pobre, o negro, o índio, a mulher, os marginalizados.

Os acontecimentos humanos têm que ser decifrados pela fé, como lugar da Revelação de Deus. Pablo Richard<sup>7</sup> diz que o fato mais original, mais novo e libertador no trabalho bíblico na América Latina, nas últimas décadas, aconteceu no campo da hermenêutica. - Como interpretar a Bíblia de maneira mais libertadora, a partir do povo, com o povo e para o povo, permanecendo fiéis ao mesmo tempo aos métodos históricos e exegéticos da ciência bíblica. Portanto, precisa-se de uma chave de leitura para poder entender os livros que os apóstolos entregaram (parádoxis = ato de entregar) e que temos às mãos e nos sentir verdadeiramente interpelados por Deus através deles. Os exegetas descobriram a capacidade do povo de escutar a Palavra e, sobretudo, descobriram o Mestre da Palavra, o Espírito de Jesus que nos conduz à verdade plena (Jo16,13). O povo cristão, a força do Espírito e toda a ciência acumulada pelos biblistas se encontraram num trabalho libertador e fecundo ao serviço da Palavra.

Da leitura popular da Bíblia e da hermenêutica da libertação nasceu uma nova experiência espiritual (Mt 5,8). A Bíblia nasceu dentro de uma comunidade de fé e só com o olhar de fé dessa comunidade pode ser captada plenamente e entendida sua mensagem. O povo pobre de Deus lê a Bíblia para discernir a presença e revelação de Deus hoje em seu próprio mundo e para exprimir como é Deus e qual é hoje a sua Palavra. A leitura popular da Bíblia se acha em relação a um absoluto: acha-se a serviço do discernimento e da comunicação da Palavra de Deus. A Bíblia não esgota a Palavra de Deus e esta por sua vez transcende o texto da Bíblia. A Hermenêutica Bíblica é a interpretação da Bíblia em seu contexto histórico e a serviço da Palavra de Deus, é simplesmente a teoria da prática de Leitura Popular da Bíblia. Portanto, as indicações hermenêuticas apontam para os *Sinais dos Tempos*.

---

<sup>7</sup> P. RICHARD, *Leitura popular da Bíblia*, RIBLA, n. 1 (1988), p.8.

### 3. Volta às Fontes: a Bíblia sendo resgatada pelo povo

Na leitura que o povo faz da Bíblia reaparecem, de maneira nova e surpreendente, a mesma visão e a mesma atitude interpretativa frente a ela que caracterizavam a interpretação dos Santos Padres<sup>8</sup>. A exegese patrística mostra a supremacia do sentido espiritual que cria em nossa história atual novo espaço para a Palavra de Deus. Nova maneira de compreender, de viver e de esperar; o que significa uma nova experiência da Palavra de Deus. Cria nova prática, nova maneira de ser, nova forma de agir na história. Cria nova esperança, novo projeto histórico, nova utopia. (sentido alegórico, moral e escatológico). Este novo processo de interpretação recupera “temas vitais” da Bíblia. O fundamental da experiência da fé é escutar e acolher a Palavra de Deus como Palavra de salvação e libertação da vida humana.

O povo pobre de Deus lê e descobre a Bíblia para discernir e comunicar a Palavra de Deus e, ao fazê-lo, recupera o sentido espiritual da Bíblia. É uma leitura a partir de outro lugar social: O pobre lê a Bíblia a partir de sua situação de oprimido dentro da atual sociedade. Não faz leitura neutra. Faz leitura engajada e comprometida com a luta dos pobres. A teologia bíblica que se faz hoje no Brasil é fruto da leitura popular da Bíblia. Não se detém no texto em si nem no fato narrado pelo texto, mas, o texto ou o fato torna-se ponto de apoio e de partida para o leitor descobrir aí dentro um sentido ulterior que tenha a ver com a sua vida hoje e com a situação em que ele vive. A história bíblica torna-se símbolo ou espelho da realidade atual, vivida por ele na sua comunidade. Vida e Bíblia se misturam. A preocupação principal do povo não é interpretar a Bíblia, mas é interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. *“A Bíblia surgiu da vida e da caminhada do povo, isto é, misturada*

---

<sup>8</sup> O Doc. da Pontifícia Comissão Bíblica: *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, (Cap. III, pp.116-117) diz que a Exegese Patrística tirou do Conjunto da Escritura as orientações de base que deram forma à tradição doutrinal da Igreja e ela forneceu um rico ensinamento teológico para a instrução e o alimento espiritual dos fiéis (p.116). Os Padres ensinam a ler teologicamente a Bíblia no seio de uma tradição viva com um autêntico espírito cristão.

*com a história do próprio povo de Deus*<sup>9</sup>. Frei Carlos Mesters assim conceitua a Teologia Bíblica popular que se desenvolveu como fruto da opção pelos pobres: - “*Entendo por Teologia bíblica popular o esforço de se revelar, com a ajuda da Bíblia, os sinais e os apelos de Deus na vida e nos acontecimentos*”.

### **3.1. o primeiro círculo bíblico: um ouvido no Evangelho e outro no coração do povo**

Jesus trouxe a chave para o povo entender o Antigo Testamento. A Igreja primitiva interpretou Jesus a partir das Escrituras, mas, simultaneamente interpretou as Escrituras a partir do acontecimento Jesus. Jesus é acontecimento anterior que gera a Palavra (NT), esta última só foi possível, por sua vez, como releitura do Antigo Testamento. Os primeiros cristãos, usando esta chave, conseguiram abrir a porta da Bíblia e souberam entender e realizar a vontade do Pai. Como eles, assim também nós devemos reler a nossa história à luz de Cristo, com a ajuda da Bíblia e tentar descobrir dentro dela o apelo de Deus, desde seu começo. A experiência da Ressurreição, vivida em comunidade, foi o grande estalo que iluminou os olhos e revelou aos cristãos o sentido da Bíblia e da vida. A Bíblia é lida não só como história do passado, mas também e, sobretudo, como espelho da história que acontece hoje na vida do povo. Acentua-se a atualidade da “Palavra de Deus”. Deus fala hoje a nós através da vida iluminada pela Bíblia. Deus fala misturado nas coisas. O objetivo principal da leitura da Bíblia não é interpretar a Bíblia, mas é interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Desloca-se o eixo da interpretação, pois, o conceito da revelação é diferente.

A história dos discípulos de Emaús mostra claramente que Jesus aparece aí como o interprete da vida e da Bíblia<sup>10</sup> (Lc 24,15-16). Usando a Bíblia ele suscitou neles a mudança do medo para a coragem, do desespero para a esperança, da separação para o reencontro, da fuga para o enfrentamento, da morte para a vida. A conversa de Jesus com os discípulos de Emaús foi o primeiro

---

<sup>9</sup> C. MESTERS: *Flor sem Defesa*, Vozes, 1983, 23-25.

<sup>10</sup> C. MESTERS: *Flor sem Defesa*, 23-25.



Círculo Bíblico. Nele aparecem três pontos que devem estar presentes na leitura e na interpretação que fazemos da Bíblia: *Reflexão sobre a realidade, Estudo da própria Bíblia, Vivência comunitária da fé na Ressurreição.*

Mas esta novidade não vem dos exegetas, formados na escola oficial. Vem do chão, onde a semente da Palavra foi semeada. Vem do povo que retomou a Bíblia em suas mãos e começou a ler a Palavra de Deus, partindo dos problemas da sua vida e da sua luta. É uma prática nas CEBs. Esta leitura popular da Bíblia é a grande novidade que o Espírito suscitou entre nós e que nunca houve antes. Ela é, segundo Frei Carlos Mesters<sup>11</sup>, fruto de uma série de convergências:

- Trabalho anterior e concomitante de divulgação por parte dos exegetas;
- Movimento da Ação Católica que ajudou a ligar Bíblia e vida pelo seu método: ver, julgar e agir;
- Influência dos Doc. de Medellín e de Puebla que propõem uma leitura crítica da realidade e que procuram reler os documentos do Concílio Vaticano II a partir e em vista da realidade Latino Americana;
- Movimento litúrgico renovado que provocou maior interesse pela Bíblia;
- Semanas bíblicas, promovidas em muitas dioceses e paróquias;
- Abandono em que vivem os pobres; povo abandonado que descobre na Palavra de Deus o seu aliado;
- A situação política da repressão que obrigou a um trabalho mais humilde junto às bases;
- Cursos dos ISPACs nas várias regiões do Brasil;
- Desafio dos crentes que usam a Bíblia mais do que os católicos;
- O vento do tempo que descrê ou desconfia de toda imposição autoritária;

---

<sup>11</sup> C. MESTERS, *Leitura Popular da Bíblia*- Ribla,n.1- Vozes,1988

- A ação do Espírito Santo que sopra forte no meio dos pobres.

A Bíblia apresenta-se como horizonte hermeneûtico (de interpretação) da presença atual de Deus na América Latina. A Bíblia pode orientar a descobrir em que sentido e como Deus se revela hoje. Porém a Bíblia pode liberar este horizonte de sentido enquanto inquiramos pelo sentido da Palavra de Deus nela contida. A pergunta hermenêutica fundamental é: Qual é o sentido salvífico da Palavra de Deus para nós hoje? O que Deus tem a dizer a nós homens e mulheres de fé nesta realidade de vida latino-americana? Definitivamente aceitamos a Bíblia quando ela se apresenta a nós como *parteira* de nossa mais radical autenticidade em sua relação com o mundo, com os demais e com Deus. Quando a experiência é autêntica a Palavra ajuda a dar à luz o que já se encontrava lutando dentro para se manifestar, e que por isso pode ser reconhecido como próprio. A Palavra reveladora da experiência dirige-se à nossa vida e a nosso mundo para desvendá-lo em sua realidade última. A Revelação como maiêutica histórica: como nosso ser dado à luz, como nosso nascer e realizar-nos a partir de Deus, no processo da história. É isso que explica a necessário retorno à Bíblia<sup>12</sup>.

*\*Tânia Maria Couto Maia*

Pós-Graduação em Ciências da Religião UECE/ITEP,  
Professora do ITEP

---

<sup>12</sup> A. TORRES. QUEIRUGA, *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, Paulinas, 2001, 43-47.